

TRANSFORMAÇÕES DISCURSIVAS NO CONTEXTO DIGITAL: ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DO GÊNERO *MEME*

Rafael Seixas de Amoêdo¹
Neiva Maria Machado Soares²

RESUMO: A linguagem é uma entidade viva, presente em todas as situações e manifesta-se de modos particulares em cada contexto, sofrendo a influência de fatores socioculturais e ideológicos intrinsecamente. O discurso, inicialmente, considerado apenas na modalidade escrita ou oral passou a ser investigado sob a ótica dos demais recursos semióticos, ou seja, textos multimodais. Este artigo cotejando um diálogo entre a Teoria Semiótica Social da Multimodalidade (1996) e Análise de Discurso Crítica faircloughiana (2001 [1992]) apresenta uma análise multimodal-discursiva do gênero *meme*, considerado como replicador de informações ou uma imagem que se espalha na *Internet* até “viralizar”. Selecionaram-se três *memes* inseridos no contexto da morte da onça Juma (junho/2016), Manaus (AM), num evento Pré-Olímpico. Toma-se destas teorias as categorias analíticas, por meio das quais se revelou que os *memes* consubstanciaram uma resposta negativa ao evento da morte do animal, as cores empregadas e a manipulação imagética dos textos são fatores importantes para sinalizar a orientação discursiva do produtor em tecer críticas ao fato. Assim, o gênero constitui-se como uma prática social regular e democrática nos contextos digitais, desvelando práticas e proporcionando diálogos.

PALAVRAS-CHAVE: *Memes*; TSDM; ADC; Prática Social. Diálogo.

ABSTRACT: Language is a complete living unit, been present in all situations and obvious itself in particular ways in each context, affected by the influence of sociocultural and ideological factors intrinsically. The discourse, initially observed not more than a written or oral modality, added other semiotic resources, that is, multimodal texts. This article, make a comparison a dialogue between the Social Semiotic Theory of Multimodality (1996) and Fairclough Critical Discourse Analysis (2001 [1992]) presents a multimodal-discursive analysis of the meme genre, considered as an information replicator or an image that spreads

¹ Acadêmico de Letras-Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Membro do Grupo de Pesquisas SDISCON- Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade. Bolsista de Iniciação Científica- FAPEAM. E-mail: rsda.let@uea.edu.br.

² Doutora em Linguística Aplicada. Professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e líder do Grupo de Pesquisas SDISCON. Orientadora de Iniciação Científica e professora do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas. E-mail: nemsoa@hotmail.com.

on the Internet until goes viral. The corpus is inserted on the Jaguar death context (June/2016), Manaus (AM) - Brazil in a Pre-Olympic event. From these theories the analytic categories, through which it was revealed that the memes consubstantiated a negative response to the event of the death of the animal, the colors used and the imaginary manipulation of the texts are important factors to signal the discursive orientation of the producer in weaving critical to the fact. Thus, genre constitutes a regular and democratic social practice on digital contexts, allowing a dialogue between participants on contemporary subjects.

KEYWORDS: Memes. STMD. CDA. Social Practice. Dialog.

Considerações Iniciais

Por meio dos construtos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1994 [1985]); Halliday e Matthiessen (2004), da Teoria Semiótica Social da Multimodalidade (TSSM) de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006 [1996]) e da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Norman Fairclough (2001 [1992]), este artigo visa analisar a constituição discursiva e multimodal dos “novos gêneros” veiculados na mídia digital, sobretudo no meio virtual. A investigação recai sobre três *memes* produzidos sobre um caso ocorrido em evento Pré-Olímpico datado em junho de 2016: a morte da onça Juma, na cidade de Manaus (AM). Sendo esses analisados em diálogo via TSSM e ADC, vertentes convergentes teóricas e metodológicas.

Entende-se que a linguagem é uma entidade viva presente em todas as situações, manifestando-se em diversos modos e contextos sofrendo a influência de fatores socioculturais e ideológicos numa relação intrínseca. Esta premissa é o ponto de partida para o desenvolvimento desse trabalho, pois se preocupa com a língua em seu contexto social, com isso, a língua é variável, com um potencial de escolhas de significados feitos pelos falantes que dela fazem uso para firmar relações e representar o mundo.

Historicamente, a linguagem era considerada apenas sob a perspectiva da modalidade escrita e/ou oral, entretanto, o intenso ritmo das inovações tecnológicas da pós-modernidade³ provocou a necessidade de criarem-se novos instrumentos significativos além do texto verbal. Na contemporaneidade os textos não podem mais ser compreendidos apenas pelo modo verbal. Eles trazem cores, recursos visuais e até movimentos, onde a imagem tem tido papel

³ Segundo Giddens (1991, p. 9-11) a modernidade é um estilo, um costume de vida ou organização social que trouxe mudanças e avanços, responsáveis pela transformação do modo de viver do indivíduo. Afirmo também que estas mudanças foram dramáticas, abrangentes e que hibridizam o tradicional com o moderno (novo), considerando um equívoco tentar contrastá-los.

de destaque. Como afirmam Kress e van Leeuwen (2006[1996]), estão deixando o seu modo monomodal, o uso de apenas um recurso significativo, por exemplo, a escrita; e estão transitando para o modo multimodal, onde mais de um modo semiótico pode ser utilizado para transmitir o significado além do modo verbal. Neste trabalho a TSSM e suas categorias serão a base para compreensão do conceito de texto e gênero a serem analisados.

Um percurso de ideias: multimodalidade, texto e gênero

Gunther Kress propõe a Teoria da Multimodalidade, uma dimensão da Semiótica Social. Para o pesquisador, os significados estão inseridos no meio social e nas interações sociais, sendo o signo a união de uma forma e significado e existindo em vários modos que devem ser considerados como instrumentos para compor o significado de um texto⁴. Um texto multimodal é, portanto, segundo Kress e van Leeuwen⁵ (1996, p. 18) um texto que vai além da linguagem escrita, abrangendo outras formas comunicativas como gestos, imagens, o olhar, as expressões faciais, entre outros. Para a Semiótica Social é importante atribuir funções a cada uma destas modalidades presentes no texto multimodal e assim, descrever e analisar o signo em todos os modos e formas, além da sua inter-relação com outros textos (intergêneros) e com os produtores. Nesse trabalho, a partir de uma perspectiva hallidayana, texto é um fenômeno complexo e “refere-se a toda instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 3) e que funciona em um dado contexto.

Todo texto é multimodal (KRESS, 2010, p. 147; DIONÍSIO, 2011, p.139), logo o gênero como manifestação desse texto, também é multimodal. Martin (2009, p.10) considera o gênero como uma forma de realização (utilização) da língua, sendo assim, uma escolha do produtor, reafirmando Fairclough (2001) que propõe o gênero associado às práticas sociais, de certo modo convencionadas pelo contexto sociocultural, mas sujeito às transformações. Os gêneros são ações sociais nas quais os textos são materializados e utilizados pelos produtores por meio de enunciados convencionados com forma, estrutura, conteúdo e objetivos pré-definidos (BAKHTIN, 2003). Como a linguagem está passando por transformações, houve a necessidade de estruturar novas formas e configurações textuais (gêneros) a partir de um já pré-existente para que seja possível cumprir os objetivos em um dado enunciado.

⁴ Convém reiterar que Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) afirmam que no processo de produção dos signos na interação social, a semiose, é estabelecida uma relação motivada e não arbitrária entre as escolhas dos produtores de um determinado texto,

⁵ As traduções de obras estrangeiras são de responsabilidade dos autores.

O texto e o gênero multimodal no contexto digital: os *memes*

Ainda não há uma definição clara e um consenso sobre o gênero *meme*. O termo original foi cunhado pelo biólogo Dawkins (1976) como uma unidade cultural de transmissão ou de imitação; Castro e Cardoso (2015) trabalham o gênero como um replicador de informações e/ou a própria informação (com)partilhada. Um conceito de imagem ou vídeo que se espalha via *Internet* até “viralizar”; Guerreiro e Soares (2016) ampliam o conceito desse “novo gênero” ao considerarem como algumas imagens publicadas nas redes sociais, criações dos próprios usuários, que mesclam uma dada situação com diversas frases cotidianas que juntas se complementam e acabam tendo algum significado. Os autores atribuem uma função crítica política-social para os *memes*, ainda que implícitos de modo comumente humorístico.

Mas por que o *meme* é um gênero? Pois atende aos elementos básicos segundo Bakhtin (2003), no que concerne aos elementos de composição do gênero: forma, conteúdo e estilo; acrescento o propósito comunicativo intrincado a esse esquema básico. A forma é estruturada com vários recursos semióticos alicerçados ao modo verbal, com isso é multimodal; objetiva a interação entre os sujeitos, ou seja, transmitir uma dada informação; O conteúdo são histórias, situações atuais; E a função social é mostrar ideologias implícitas pelo uso do estilo satírico, uma crítica humorística. Esse recorte analítico buscará comprovar tais proposições. Seguindo uma perspectiva funcional os *memes* estão inseridos num dado contexto, a morte da onça Juma (junho/2016) na cidade de Manaus (AM) em um evento Pré-Olímpico a ser realizado no Rio de Janeiro e outras cidades-sede pelo Brasil. A análise deste gênero estará pautada na ADC faircloughiana (2001) em um diálogo com as categorias da Gramática do *Design Visual* (GDV) (2006 [1996]) proposta a partir da Teoria Social da Multimodalidade. Inicialmente, far-se-á a apresentação destas duas teorias convergentes, de mesma base epistemológica, a Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana, e, em seguida, propõe-se a análise dos *memes*.

A Gramática da Imagem - Gramática do *Design Visual* (GDV)

Assim como para a linguagem verbal, houve a necessidade de convencionar a análise de uma composição visual e também, multimodal. Formulou-se, então, a Gramática do *Design Visual*, em inglês, *Reading Images- The Grammar of Visual Design* [2006 (1996)]. Entretanto, não se buscou atribuir regras ao texto visual assim como para o texto verbal. O propósito da obra é instruir os estudiosos da mídia a respeito dos campos sintático-semânticos presentes nesse tipo de discurso (KRESS, van LEEUWEN, 1996, p.1); e reafirmando

também princípios hallidayanos a partir das metafunções ideacional (compreender o MEIO), interpessoal (estabelecer RELAÇÃO com os sujeitos) e textual (o MODO de organização da informação). Em GDV estas metafunções (significações) são reformuladas e passam a ser denominadas: significado representacional, interacional e composicional.

Nessa teoria, os participantes (atores) podem ser de dois tipos básicos: o Participante Representado (PR) é aquele mostrado na composição; e o Participante Interativo (PI), ser real no mundo, aquele que produz ou consome as mensagens expostas (observador), constituindo assim as categorias relativas ao significado representacional (KRESS, van LEEUWEN, 1996) (Quadro 1, abaixo). Esse tipo de comunicação é funcional, sendo a linguagem um conjunto de escolhas. Os autores partem dessa premissa para afirmar que a comunicação visual além de representar o mundo estabelece uma relação (interação) social, constituindo-se a partir de determinado texto a fim de transmitir um dado assunto, esboçando assim, um novo panorama semiótico para a comunicação e também propondo categorias de análise através da Gramática do *Design Visual*.

De um modo geral, os estudos em Multimodalidade visam investigar os principais modos de representação em função dos quais um determinado texto é produzido (CARVALHO, 2013). É necessário então, compreender os conceitos básicos de cada tipo de significado dentro das categorias da GDV.

Quadro 1: Categorias analíticas da GDV de Kress e van Leeuwen (2006[1996]),

Significado Representacional	Significado Interacional	Significado Composicional
Participantes (PR-PI)	Contato	Valor informativo
Estrutura Narrativa	Distância	Saliência
Estrutura Conceitual	Ângulo	Enquadramento
	Modalidade	

Fonte: Adaptado de SOARES (2017, p. 13), com ajustes do autor.

Significado Representacional

Qualquer sistema semiótico tem que ser capaz de representar objetos e suas relações no mundo fora do sistema representacional (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p. 40). Com isso, os sistemas semióticos nos permitem fazer escolhas, diferentes caminhos para transmitir determinado assunto. Esses objetos podem estar envolvidos em um processo de interação

realizado por meio de vetores⁶ ou representados em termos de classificação (ausência de vetor), ou seja, simbolicamente.

Em GDV, o Significado Representacional pode ser analisado a partir destas duas estruturas: Narrativa, quando os participantes estão conectados por um vetor e são representador de forma dinâmica “fazendo algo um para o outro” (1996, p.56). Esse processo pode ser representado de várias formas: ‘transacional’ quando há dois participantes, ‘não transacional’ onde há apenas um participante e ‘bidirecional’ ocorrendo um movimento das funções dos participantes na composição ora Ator (agente) e Meta (paciente)⁷.

Em um determinado texto é possível também, realizar o significado representacional sem o vetor e são estruturas mais ou menos estáveis, esse é o conceito básico da Estrutura Conceitual. Nessa estrutura os processos podem ser de três tipos: Classificatório, Analítico e Simbólico, categorias pormenorizadas na análise.

Significado Interacional

Qualquer sistema semiótico projeta relações entre os produtores do signo e o receptor (reprodutor) deste signo, estabelecendo assim uma relação social particular entre o produtor, observador e o objeto representado (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p.41). São os Participantes Interativos (PI) quem consomem ou fazem as imagens em determinado contexto sociocultural e também regulam o que “diz” as imagens e como devem ser ditas ou interpretadas (p. 119).

Estas relações podem ser estabelecidas por Contato, Distância e Ângulo entre os participantes. Por Contato é quando a relação é atribuída por meio dos vetores formados pelo direcionamento do olhar conectando os participantes com o observador. Este Contato pode ser por Demanda ou Oferta. No discurso por Demanda, os produtores usam o olhar do PR, o gesto e as expressões faciais demandando algo para o observador (PI) estabelecendo uma relação imaginária. Quando não há este contato pela direção do olhar e o PR é observado como item contemplativo ou meramente informativo é a relação por Oferta.

Outro tipo de relação pode ser estabelecido pela Distância entre os participantes no evento discursivo. Esta relação também é imaginária e existe uma variedade de padrões

⁶ Um vetor é atribuído como linhas invisíveis que estabelecem um determinado tipo de ação entre dois ou mais objetos numa composição visual, por exemplo, a direção do olhar, o movimento gestual (KRESS, van LEEUWEN, 1996, p. 56).

⁷ Além do vetor formado pela ideia de ação ou movimento, existe um vetor formado pela linha e direção do olhar, o denominado processo reacional. Ao reafirmar princípios hallidayanos, a GDV trabalha ainda com um terceiro tipo de vetor, identificado principalmente nas HQs, os chamados processos verbais e mentais, representados por balões de diálogos ou pensamento, entretanto, neste trabalho não iremos nos deter nestes processos e enfatizaremos os processos narrativos e conceituais.

convencionados, conforme mencionados pelos autores na GDV. Esta distância pode ser íntima/plano fechado e o PR está mais próximo do PI; social/ plano médio e impessoal/plano aberto; O Ângulo é outra dimensão em que se pode atribuir algum tipo de relação entre os participantes. Esta perspectiva implica na possibilidade de expressar atitudes sociais e subjetivas do PR ao PI tais como, o grau de envolvimento (ângulo horizontal) ou a relação de poder entre eles (ângulo vertical).

Uma categoria importante na composição visual é a Modalidade que se relaciona aos valores informacionais sobre determinado assunto. A modalidade pode ser naturalista, por exemplo, quando se trata de uma foto, considerada como de alta modalidade, ou abstrata, como um diagrama, tido como de baixa modalidade; há também as imagens não naturalistas, representadas com as tecnologias da atualidade como 3D ou 4D. Nesta categoria, remete-se ao conceito de realismo, fazendo com que visualmente possam ser representadas pessoas, lugares ou coisas como se realmente existissem daquela forma ou de modo caricato (abstrato). Kress e van Leeuwen (1996, p.160) estabelecem alguns marcadores possíveis de evidenciar a modalidade: saturação de cor (uma escala que vai da representação completa à ausência da cor); diferenciação de cores (policromia à monocromia); modulação de cor (o uso de diferentes tonalidades de uma determinada cor); contextualização (ausência à criação de um segundo plano detalhado); representação (mínima à máxima abstração); profundidade (ausência de profundidade à perspectiva mais detalhada); iluminação (representação completa de jogo de luz e sombras à sua ausência); e brilho (o máximo número de diferentes graus de brilho à apenas preto e branco ou duas tonalidades de uma mesma cor).

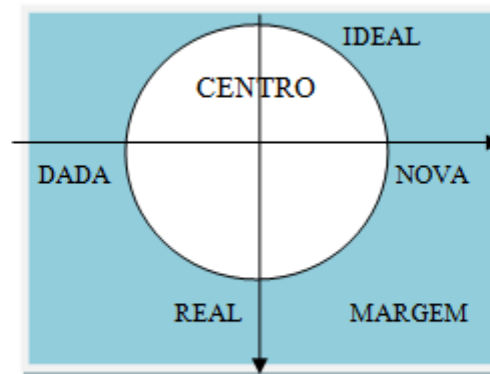
Significado Composicional

Qualquer sistema semiótico tem a capacidade de formar textos, complexos de signos, com coerência interna e com o contexto em que foram produzidos. Uma significação completa e inter-relacionada com as anteriores, pois é a relação entre texto e imagem (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p. 41). A importância da composição do texto visual está em analisar o caminho que os elementos representacionais e interativos são produzidos relacionando-os ao significado. Essa relação pode ser retratada por três sistemas inter-relacionados: o Valor de Informação, a Saliência e o Enquadramento. De um modo geral, é a forma de estruturar o *layout* (espaço composicional) de um texto visual (ver quadro 2 abaixo).

O Valor de Informação refere-se ao posicionamento, o lugar dos elementos na composição visual. Seguindo uma perspectiva Ocidental cada espaço adquire significações

ideológicas, a informação Dada, de conhecimento do leitor, está situada à esquerda; e a informação Nova à direita. A informação Ideal, ou seja, àquilo que deseja ser enunciado situa-se no Topo da composição, enquanto, as informações Reais, por exemplo, a empresa de um produto, na Base. No Centro está o núcleo da informação e às Margens, as informações de menor destaque (1996, p.224).

Quadro 2: As dimensões dos valores de informação no espaço visual



Fonte: Adaptado de Kress e van Leeuwen (1996, p. 208, com ajustes).

A Saliência relaciona-se ao valor hierárquico que os elementos se integram na composição, chamando a atenção do observador a partir do foco, tamanho, contraste de cores (preto e branco), campo visual (esquerda e direita), perspectiva (primeiro ou segundo plano) e iluminação (claro e escuro), determinando assim, o PR mais importante (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p. 212).

Já o Enquadramento é a presença ou ausência de uma linha divisória (imaginária), formada pelos elementos da composição, a fim de estabelecer um determinado tipo de conexão com a imagem demonstrando se pertencem ou não ao senso comum do PI. As linhas de moldura, os espaços vazios entre os elementos, as relações de contraste, des(continuidades) de cor e brilho, vetores e similaridades de cor são exemplos de elementos que permitem formar esta conexão/ desconexão na composição visual.

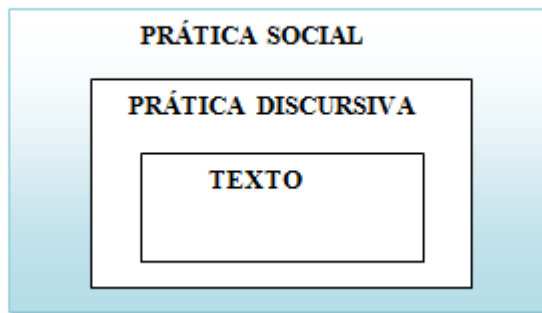
Fairclough (2001) ao escrever as premissas de sua obra, *Discurso e Mudança Social*, afirma que o objetivo de seu trabalho é na linguagem, com ênfase nos textos linguísticos (escritos), entretanto amplia a “noção de discurso a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens” (p.23). Com isso percebemos que a ADC pode contribuir e dialogar com a Teoria do Discurso Multimodal (TDM) e as categorias da Gramática do *Design Visual*, visto a seguir. Kress e van Leeuwen

(1996, p.183) afirmam que é necessário romper as fronteiras entre os estudos da linguagem e os estudos da imagem, mostrando que é possível usar uma linguagem e terminologias compatíveis à comunicação atual, essencialmente, multimodal.

Um panorama em Análise de Discurso Crítica (ADC)

Norman Fairclough (2001) ao propor a teoria tridimensional do discurso em Análise de Discurso Crítica (ADC) a partir das premissas hallidayanas afirma que “qualquer evento discursivo (qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (p.22). Em cada dimensão são atribuídas categorias de análise, base para a formação dos conceitos da ADC, definida em linhas gerais como uma análise do discurso textualmente (linguisticamente) orientada (p.61). É uma abordagem transdisciplinar e tem como objetivo fornecer aparato teórico-metodológico para análise de textos, procurando inseri-los em um contexto sociocultural do momento em que foi escrito, sendo a linguagem algo indissociável da vida social.

Quadro 3: Modelo Tridimensional do Discurso proposto por Fairclough (2001)



Ao propor a criação da ADC, Fairclough (2001) objetivava um método de análise crítica do discurso que servisse de uso para os cientistas sociais e estudiosos da mídia ao analisarem um determinado texto e sua relação com as mudanças socioculturais, além de demonstrar nos discursos “teias” que estão implícitas e que podem intervir com o meio. A partir de uma perspectiva funcional, em ADC, a linguagem é trabalhada em uso, reafirmando assim que existem funções externas ao sistema linguístico e que essas funções são responsáveis pela organização interna deste discurso num sistema. Compreende-se, então, que existem estruturas socioculturais que moldam a produção discursiva na sociedade sendo o discurso um modo de ação historicamente situado.

A obra *Discurso e Mudança Social* (2001), em inglês, *Discourse and Social Change* (1992) de Norman Fairclough, é um marco para uma proposta teórico-metodológica em

Análise de Discurso Crítica (ADC)⁸ sendo discurso definido como uma “amostra ampliada da linguagem falada ou escrita, sendo importantes os processos de produção e interpretação, assim como o contexto situacional do uso linguístico” (p.21). Acrescenta-se nesse trabalho ao discurso a linguagem não verbal e os textos multimodais. No quadro abaixo (4), as categorias analíticas do discurso propostas em ADC.

Quadro 4: Categorias analíticas do discurso, baseado em Fairclough (2001)

CATEGORIAS ANALÍTICAS DO DISCURSO SEGUNDO FAIRCLOUGH (2001)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário	Produção	Ideologia (sentidos, pressuposições, metáforas)
Gramática	Distribuição	
	Consumo	Hegemonia (Orientações econômicas, políticas, socioculturais, ideológicas)
Coesão	Contexto	
	Força	
	Coerência	
Estrutura Textual	Intertextualidade	

Fonte: Adaptado de Ramalho e Resende (2006).

O discurso como texto

Fairclough (2001, p. 90-91) compreende o discurso como algo socialmente constitutivo, ou seja, implica uma relação dialética com a estrutura social buscando não apenas representar o mundo, mas significá-lo e tem de ser analisado sob a ótica descritiva em conjuntura com as dimensões sociais e discursivas. Manifesta-se na prática social como um modo de ação (o gênero), de representação (o próprio discurso) e com estilos determinados, conceitos estes, ampliados por Fairclough em 2003.

Em ADC, a análise textual está organizada em quatro aspectos ascendentes: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Como as dimensões estão inter-relacionadas três categorias da prática discursiva estão imbricadas com a prática textual: a força dos enunciados, a coerência e a intertextualidade. Reunindo estas sete categorias, temos o quadro de análise do texto bem como aspectos de sua produção e interpretação.

⁸ Fairclough (2001) propõe esta teoria tridimensional do discurso a partir das metafunções hallidayanas já mencionadas. Como um sistema aberto e multifuncional, estas metafunções estão inter-relacionadas: ideacional, interpessoal e textual, reconfiguradas por Fairclough (2003) em identitária/relacional (identificacional) e ideacional (representacional), incorporando ainda a função textual (acional). Tomando as concepções de Halliday (1994, 2004), Fairclough apresenta inicialmente no livro de 1992 uma visão tridimensional de análise de discurso que é retomada e ajustada no livro de 2003. Nesta análise, sem desconsiderar os novos vieses analíticos propostos em 2003, adota-se a visão tridimensional de Fairclough (1992, 2001): Prática Textual, Prática Discursiva e Prática social e suas respectivas categorias (Ver Quadro 4).

O vocabulário são as escolhas lexicais que o produtor de signos utiliza para transmitir um determinado assunto em contextos específicos. Ao analisar a coesão textual observam-se como as orações organizam-se em frases e como estas frases estão ligadas em unidades maiores, as orações na gramática. Esta unidade é proposta pelo uso de vocabulários de um mesmo campo semântico, por exemplo, anáforas, elipses, sinônimos, entre outros. No texto multimodal segundo Soares (2016), as cores e o enquadramento são categorias-chave para identificarmos a coesão dos textos.

A estrutura textual refere-se à conjuntura (arquitetura) dos textos. O modo como os elementos são combinados para constituir um gênero ou determinado tipo de texto. Esta disposição é feita a partir das escolhas subjetivas e ideológicas realizadas pelo produtor do signo ao interpor ideias, crenças sobre as relações sociais e as identidades implícitas no texto.

O discurso como prática discursiva

O que faz uma prática discursiva ser discursiva? Vieira e Rocha (2007) reafirmam as ideias de Fairclough (2001) a fim de responder esta pergunta. Segundo os autores, a linguagem é uma materialização do texto, mas também está imbricada como prática social e todo um aparato ideológico e sociopolítico. A prática discursiva envolve tudo isso, pois é um produto histórico e deve levar em consideração aspectos de produção, distribuição e consumo dos textos. O primeiro é como os textos são produzidos de maneiras particulares em contextos socioculturais específicos; a distribuição refere-se ao consumo dos textos em múltiplos contextos distinguindo-os de acordo com o propósito e gênero; e o último explica como os textos são consumidos no mundo.

Inicialmente, são propostas duas categorias: a força e a coerência dos textos. A força é o processo acional, ou seja, a ação que o texto realiza ou o ato que quer transmitir (dar uma ordem, perguntar, etc.) num determinado contexto. A coerência é a capacidade de interpretação. Um texto coerente é quando os elementos em conjunto fazem sentido a quem está lendo ou observando determinado signo.

Fairclough (2001) enfatiza que a intertextualidade é a principal propriedade da prática discursiva. É a característica de os textos serem repletos de “teias”, “vozes”, ou seja, fragmentos de outros textos que podem ser explícitas (intertextualidade manifesta) ou implícitas/ mesclados (interdiscursividade) e tem correlação com os processos de produção, distribuição e consumo. O autor acredita que a prática discursiva deve ser uma perspectiva que congrege uma microanálise com uma macroanálise. Na primeira ao modo inicial como

os sujeitos produzem e interpretam os textos com base nos recursos apresentados na composição; e uma macroanálise, pois precisam compreender a natureza sociocultural e ideológica destes recursos procedentes da criatividade e normatização das instituições.

O discurso como prática social

A prática social é uma dimensão do evento comunicativo assim como o texto. Fairclough (2001) trabalha o conceito de discurso em relação à ideologia e poder (hegemonia), retomando perspectivas sócio-históricas para investigação deste fenômeno. O discurso é um modo de prática política e ideológica. Como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder; como prática ideológica naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo em posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). É “uma concepção de mundo que está implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva” (GRAMSCI, 1971 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p.128) propondo assim o discurso como uma entidade composta de sobrecargas ideológicas, explícitas ou implícitas, em um evento comunicativo.

Fairclough (2001) caracteriza a ideologia⁹ sob três aspectos importantes: Ela possui existência material nas práticas das instituições; conduz e constituem os sujeitos; e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) como a educação e a mídia são marcos delimitadores de ideologias (p. 121). São construções da realidade formadas por vários propósitos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações hegemônicas. O autor trabalha com inúmeras categorias de análise da ideologia cotejando de Thompson (1990), por exemplo: a naturalização, a legitimação, a dissimulação, a unificação, fragmentação e reificação, entretanto, a título de delimitação, neste trabalho não serão aprofundadas cada modo de operação ideológica.

Retomando as ideias centrais de Gramsci (1971), Fairclough propõe outra gama de categorias ao analisar a Hegemonia, conceituada como uma liderança nas instituições políticas, econômicas, socioculturais e ideológicas na sociedade. É o poder sobre a sociedade como um todo a partir da construção de alianças e constantes lutas entre as classes (superiores e inferiores) (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Seguindo seu modelo tridimensional, o foco é descrever e identificar conexões entre as práticas sociais e a prática

⁹ Fairclough ao trabalhar os conceitos de ideologia e hegemonia busca as contribuições clássicas do Marxismo do século XX, de Althusser e Gramsci, que segundo o autor oferecem uma melhor base para investigação do discurso como forma de prática social.

discursiva com ênfase nos processos de produção e interpretação dos textos (2001, p.131), com isso, por meio da hegemonia é possível analisar tanto a prática social quanto a prática discursiva. Um dos propósitos do livro, *Discurso e Mudança Social* (2001 [1992], p.132) é a ótica dialética da mudança discursiva em relação à mudança sociocultural, ou seja, como as mudanças que ocorrem no evento discursivo e como os processos externos favorecem as transformações nos textos. Feito este esboço sobre a GDV e a ADC, parte-se para a análise dos três *memes* selecionados para esta pesquisa.

Imagem em Discurso - Análise multimodal e crítica do gênero *meme*

A análise empreendida é de cunho qualitativo e descritivo, tem como *corpus* três *memes* relacionados a um elemento do contexto Amazônico, mas com expansão internacional, o caso da morte da onça Juma em junho de 2016 em Manaus (AM) onde o animal teria reagido durante a passagem da Tocha Olímpica pela cidade durante evento no CIGS. Este artigo agrega as concepções teóricas e analíticas da ADC e da GDV, para analisar a constituição discursiva e multimodal do evento discursivo *memes*. Entende-se que esta inter-relação é profícua por congregar na análise tanto as escolhas multimodais como as linguísticas.

Para seleção do *corpus*, foi realizada uma pesquisa no *site Google* no mês de setembro de 2016¹⁰, apenas com as palavras “memes onça Juma”, com isso, houve muitos redirecionamentos a páginas do *Facebook*, pois é um gênero presente de modo ascendente nesta rede social. Em seguida, buscaram-se imagens que tivessem conteúdo, estilo e estruturas semelhantes, bem como as categorias analíticas mais produtivas em ADC e GDV. É importante ressaltar que ambas as teorias abordadas apresentam aparato teórico-metodológico para as análises.

Texto 1



¹⁰ Este foi o mês em que a onça Juma foi abatida, após o incidente.

Fonte: <https://www.facebook.com/mudabrasil2015/photos/a.110163789331025.1073741829.107940079553396/292919307722138/?type=3&theater>. Publicado: 06/07/2016 Acessado: 16/09/2016.

Texto 2



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1709680512627851&set=a.1387940068135232.1073741825.100007577563380&type=3&theater> Publicado: 28/06/2016. Acessado: 16/09/2016.

Texto 3



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=894585873983083&set=a.256543264454017.51690.100002950355483&type=3&theater> Publicado: 22/06/2016. Acessado: 16/09/2016

Como pode se observar o Texto¹¹ 2 e o Texto 3, correspondem a mesma composição, entretanto, houve apenas uma modalização de cor a partir dos interesses do produtor. Logo, far-se-á análise, inicialmente, dos Textos 1 e 2 e, posteriormente, a análise do ato de cor realizado no Texto 3.

O significado composicional e análise textual dos *memes*

A análise inicia-se pelo significado composicional (textual) que está inter-relacionado também com a prática discursiva (interação) e a prática sociocultural (ideacional). Diz respeito ao *layout* do texto. Em GDV subdivide-se em três categorias: Valor de Informação, Saliência e Enquadramento. O Valor de Informação diz respeito à disposição dos elementos na composição visual: à esquerda- informação dada; à direita- informação nova; centro-núcleo da informação; margem- elementos subservientes; topo da imagem- informação ideal

¹¹ Neste trabalho será utilizada a nomenclatura, Texto em maiúsculo para referir-se às análises.

a ser perpassada; e base- informação real possível de inferir-se sobre o texto ou o PR. Nesse trabalho, a critério de delimitação iremos propor uma análise a partir da perspectiva Centro-Margem.



Ao analisar o Texto 1, percebe-se que o PR1 (Participante Representado 1)- a onça está com média saliência em relação ao todo do texto, devido haver uma faixa preta com letras brancas simbolizando o legado negativo da realização do evento. Com uma modalização de iluminação (uma escala de sombras e luz); e contextualização (presença de um segundo plano), o que permite a criação de um plano de fundo com a mesma representação simbólica da cédula no valor de R\$ 50,00 (PR2). A onça é o núcleo da informação, portanto, localiza-se no centro da composição. Nas margens, o elemento subserviente, a identificação do contexto de produção do *meme*, a Empresa *Code Art*. Além disso, apresenta “marcas de tiro/ sangue”, enfatizando um atributo negativo relativo à atitude de um militar do Exército Brasileiro sacrificar o animal.

Análise composicional do texto 2

PR1 (ONÇA)
Centro-
Núcleo da
informação-
elemento mais
saliente



PR2 -
Cédula
de R\$
50,00

O PR1- onça é o elemento mais saliente da composição e não há nada que interfira nesta ênfase, ao contrário da faixa preta no Texto 1. Há uma modalização que cria por meio dos elementos reais da nota de R\$ 50,00 um plano de fundo (secundário) marginalizado. A onça é representada no ângulo horizontal o que permite dar o sentido de “morte”, principalmente, pela presença do elemento na cor preta ou vermelho escuro que representaria o sangue do animal já em processo de decomposição. É uma figura realista, portanto, aproxima o texto à realidade do leitor. No Texto 2, pode-se verificar também a presença de elementos verbais tais como os numerais (50 e 00000) e o vocábulo “CINQUENTA REAIS” marcando ainda mais a ideia de ressimbolização do animal, associando-o ao campo da economia e do valor monetário. Estes elementos estão presentes na cédula de R\$ 50,00 e não causariam quaisquer efeitos se inseridos no contexto comum.

O significado representacional: o que representa este texto?

No significado representacional, apresentam-se as escolhas semióticas do produtor do texto para criar certos efeitos de sentido. Para Kress e van Leeuwen “o que é realizado na linguagem verbal por palavras da categoria de verbos de ação, nas imagens é realizado por elementos que podem ser formalmente definidos por vetores” (2006, p. 45).

No Texto 1, o animal (onça) é retratado de modo estático e não é possível verificar a presença de um vetor acional, então é representado em termos de classe, estrutura ou significado mais ou menos estáveis (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p.80). Observa-se aspectos da estrutura conceitual que se divide em três tipos: classificatória, analítica e simbólica. Na classificatória, são determinados em classes e hierarquias; na analítica, enfatiza determinados atributos e características do PR; e, na simbólica, reafirma o que o participante é ou significa e apresenta atmosfera manipulada por cores, iluminação, etc. No Texto 1, há

um Processo Conceitual Simbólico que pode ser Atributivo ou Sugestivo, no Atributivo o PR (Participante Representado) posa para o observador, enquanto no Sugestivo apresenta um tipo de imagem com certa ênfase em um único participante, fato constatado nas imagens analisadas tanto no Texto 1 quanto no 2. Nesses casos, o PR principal é a onça Juma e por uma sobrecarga ideológica apresentam-se sob outro participante, a nota de R\$ 50,00. Mas por que representá-la nesta cédula de dinheiro? Qual a relação com o evento Pré-Olímpico?

As circunstâncias expostas nestes textos são as Olimpíadas a ser realizada no Brasil em 2016. Dentro desse contexto estão imbricados também uma luta política e uma crise sociocultural no país. No Texto 1, há um texto verbal com a seguinte frase: A MOEDA DE UM PAÍS OLÍMPICO, remetendo-se aos escândalos políticos e o aumento dos impostos que o país era acometido. Por esta frase é possível perceber mesmo que metaforicamente a ideia de que um caso de morte de um animal-símbolo às vésperas de um evento internacional trouxe um aspecto ainda mais negativo e até sobressaindo-se a agravante crise econômica e política vivida. Expõe uma analogia entre a moeda (Real) e o “preço” da morte da onça. Mas por que a expôs na nota de R\$ 50,00 e morta como podemos verificar no Texto 2, que não apresenta nenhum elemento verbal? Sabe-se que no Brasil, desde 1994 com a criação do real, são emitidas representativamente figuras de animais símbolos do Brasil e/ou ameaçados de extinção, ou seja, há um desencaixe das relações sociais com o verdadeiro produto e significado (GIDDENS, 2000)¹².

Ainda em relação ao Texto 1 é interessante ressaltar a representação das marcas de sangue, possivelmente, cometidas por tiros de espingarda, arma regional muito comum em atividades de caça; causando assim, um impacto subjetivo no leitor deste *meme*. Também tais sinais estão presentes no Texto 2, entretanto, oculta-se representação de “tiros” ou qualquer outro elemento que faça relação.

Significado Interacional dos *memes* - A relação entre o PR e o PI

Dentre as categorias da GDV para estabelecer o significado interacional temos: o Contato, o Ângulo, a Distância e os marcadores de Modalidade (abstrata ou naturalística). Contato que pode ser por demanda ou oferta, no caso analisado, pode-se estabelecer no Texto 1 uma linha de contato entre o PR e o PI, portanto, é um Contato por Demanda, pois o animal é representado de um modo geral, como está na cédula de R\$ 50,00. Diferentemente do Texto

¹² O conceito de desencaixe proposto por Giddens (2000) é distinguido entre dois tipos: fichas simbólicas e sistemas de informação, entretanto, a critério de explicação deter-nos-emos no desencaixe por fichas simbólicas que engloba os meios de intercâmbios de bens, ou seja, produtos que passaram por transformações e eram utilizados como troca, por exemplo, a moeda de uma país, talões de cheque, cartões bancários.

2 onde o PR está em ângulo horizontal, representado “deitado” ou “morto”, por isso, não é possível estabelecer contato e é visto como um item de contemplação, meramente informativo, sendo então, classificado como Contato por Oferta.


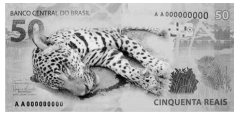
No Texto 1, constatou-se uma conexão entre o PR (onça) e o PI (ser real no mundo), pois está enquadrado num plano aberto e vertical em que todo o participante é apresentado. O PR está numa posição de poder equânime, no nível dos olhos do PI e transpõe o texto como algo concreto no mundo do observador (*viewer*). Nos Textos 2 e 3, não é possível estabelecer esta relação entre o PR e o PI, pois o PR encontra-se em posição horizontal (deitado) e é representado simbolicamente ou metaforicamente como “morto”, não propondo um contato visual direto com o PI. Há fortes indícios de que o PI exerce poder sobre o PR.

Modalidade visual dos memes

Os textos analisados correspondem a uma modalidade abstrata em que o produtor visando criar dados significados toma uma imagem do contexto econômico e nela lança-se pinceladas de tintas e nuances de cores para causar dado impacto no receptor ou Participante Interativo (PI). No Texto 2, o marcador de modalidade está presente na saturação de cores, do vermelho, do laranja e do marrom, que são transformadas em escalas de preto, branco e nuances de cinza no Texto 3. Isso é possível devido às escolhas que o produtor deste signo realizou ao transformar um texto para o outro. Pode-se também afirmar que o preto e o branco não são cores, sendo originados de uma saturação e jogos de luz e sombras. Logo, a cor cinza resulta de uma mistura do preto e do branco.

Como já afirmado, as imagens possuem sobrecarga ideológica (KRESS; van LEEUWEN, 2006), então ao modular a cor, o produtor está interessado em perpassar uma dada ideologia. O preto e branco são cores que geralmente podem representar o antigo, o passado, o morto, o luto. Buscou-se criar uma visão de mundo e expor uma crítica, pois mesmo inconscientemente as cores provocam uma catarse nos sujeitos e fazem com que eles se apropriem de sentimentos e opiniões sobre o fato. No quadro abaixo, retomam-se as categorias apresentadas resumizando a análise dos Textos 2 e 3.

Quadro 5: Análise das modalidades nos Textos 2 e 3 sob a ótica da GDV (produção e análise dos autores).

Análise da Modalidade Visual- Textos/ Categorias	Saturação e Diferenciação de Cor	Modulação de Cor	Contextualização	Representação	Profundidade	Iluminação e Sombras
 <p>Texto 2</p>	Saturação completa com o predomínio das cores amarelo, vermelho e laranja.	Uso de diversas tonalidades de marrom originando as cores vermelho, laranja, amarelo e o próprio marrom.	Presença do fundo típico da cédula de R\$ 50,00.	Representação detalhista com máxima representação pictórica.	Perspectiva angular, verifica-se com detalhes de profundidade (3D). Aproxima-se do real.	Jogo de luz e sombras representando a presença de luz e sombras para obter a alta expressão da cor.
 <p>Texto 3</p>	Ausência destas cores, predomínio do preto/branco e cinza.	Mescla das cores preto e branco originando a cor cinza em tons claro e escuro.	Manteve-se a representação do fundo da cédula de R\$ 50,00.	Representação detalhista, uma imagem naturalista, apesar da manipulação pelo produtor.	É também possível verificar o PR com profundidade.	Jogo formado pela ausência de luz e presença de sombra a fim de formar o efeito de mescla em cinza.

Análise Tridimensional do Discurso dos *memes*

Fairclough (2001) ao propor sua teoria afirma que seu objeto de análise é a linguagem e amplia a perspectiva de discurso a outras formas simbólicas, mas o enfoque de sua obra é a modalidade escrita. A partir do estudo de como estas outras formas simbólicas congregam-se ao modo verbal a fim de transmitir uma dada informação delimita-se o escopo de análise da GDV, entretanto, não se aplica categorias para o elemento verbal dentro do texto multimodal enfatizando a representação visual. Há um processo de ampliação intrínseca tanto teórica quanto metodológica entre a ADC e a GDV/TSSM, por exemplo, a leitura e análise das práticas socioculturais (crenças, metáforas e ideologias) implícitas por meio das cores nos *memes* analisados. Todas as construções sígnicas apresentadas constroem significados e representam aspectos do mundo. Nas análises acima, considera-se que os textos visuais

congregam representações multissígnicas que ao serem apresentados traduzem significados e conduzem visões de e sobre o mundo.

Quanto à prática textual, no Texto 1, observa-se a presença da coesão por meio de elementos visuais tais como, cores quentes, a faixa preta com letras brancas e a contextualização com a mesma representação, mas em posição vertical. O enquadramento utilizado também auxilia na conexão visual do texto. Há coerência tanto verbal quanto visual nos textos analisados¹³.

Quanto à prática discursiva, ressalta-se que os *memes* são produzidos por atores sociais comuns, não necessariamente especializados, como um editorial ou uma *charge*, apesar de termos no Texto 1, uma identificação do criador do *meme* (*Code Art*) e se formos analisar estritamente, os textos selecionados aproximam-se mais da fotografia e distinguem-se dos estilos mais comuns de *memes*. São consumidos nas redes sociais e distribuídos nestas mesmas redes por um público bem heterogêneo e anônimo. O gênero *meme* propaga-se (distribui-se) de maneira ultrarrápida em comparação a outros gêneros como a *charge*, as tirinhas, entre outros. O ator social evidenciado nos *memes* – Juma- é uma espécie de onça-pintada, símbolo do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) e por muitos anos fazia parte das comemorações e desfiles pátrios na cidade de Manaus (AM) sem nenhuma ocorrência de ataque a humanos; também classificada como “quase ameaçada de extinção”. O produtor desses textos ao utilizar esta ficha simbólica, nota de dinheiro, evidencia uma ideologia para o leitor, no caso, a simbolização de algo negativo sobre o fato, principalmente, pelo animal ser símbolo da instituição (CIGS) e ameaçada de extinção. Percebe-se o interesse do produtor do texto em construir uma cadeia de raciocínio ao leitor, persuadindo-o e estimulando o espírito crítico-reflexivo, cumprindo um dos objetivos dos *memes*: um conteúdo satírico. Em meio a esses problemas é necessário redobrar a atenção em relação à consciência ambiental e à luta pelos direitos dos animais, por exemplo, fazer-se cumprir o decreto que proíbe a participação de animais silvestres em eventos deste porte. Há também uma clara relação intertextual entre o evento da morte de Juma, o evento Pré-olímpico e a barganha financeira que se evidencia na nota de 50 reais.

Quanto à prática social, nota-se que no texto há a seguinte colocação: A MOEDA DE UM PAÍS OLÍMPICO. Nesse caso, o autor emprega uma metáfora de cunho econômico em

¹³Conforme afirma Fairclough (2001) a coerência é uma propriedade que identifica uma relação de sentido em toda a composição, entretanto, “só faz sentido” a quem conhece sobre a mensagem proposta, por exemplo, alguém fora ou até mesmo no Brasil que não atente às mídias sociais, talvez nem saiba do fato ou é possível que tenha outro posicionamento em relação às imagens.

que o animal é tratado com valor monetário. Os Textos 2 e 3 baseiam-se na mesma ideia do Texto 1, representar a onça na cédula de R\$ 50,00. As informações presentes nos textos interpõem ao leitor ou observador o retrato de um discurso político e com sobrecargas ideológicas concernentes a enfatizar o aspecto negativo deste ato distribuindo-o como um valor irrisório e monetário. Transpõe o contexto habitual (senso comum) das cédulas de R\$ 50,00 em outro contexto que de modo pragmático deveria ser festivo, mas esta circunstância levou os sujeitos a se expressarem de outros modos.

Considerações Finais

Reitera-se o pensamento de Soares e Vieira (2013, p.255) ao afirmarem que em virtude das novas paisagens contemporâneas é necessário repensar sobre a importância da imagem e de outros recursos semióticos para a construção do significado do texto¹⁴; o poder na produção de textos que era detido dos grandes escritores tem passado por todas as camadas populares em múltiplos tipos textuais como o caso dos *memes*, um gênero ascendente e com um nível alto de mutabilidade. Pela análise entende-se também que é possível aliar na mesma ordem do discurso dos *memes* a composição visual que é uma forte característica desse novo gênero híbrido e fluido com a constituição linguístico-discursiva. Ambas compõem e conduzem as informações dos produtores sobre assuntos pontuais da sociedade.

Percebe-se que o gênero emergente *meme* constitui-se em uma prática social regular e democrática nos contextos digitais, permitindo aos seus produtores dialogar com os interlocutores de uma forma lúdica, mas não menos crítica. O gênero é tão efetivo e viral que dele nem os mandatários escapam. A sua temporalidade é dinâmica que um dado tema em segundos pode se tornar alvo de seus produtores. Atualmente, existem “comunidades” que adotam temáticas recorrentes na produção do gênero, fato que permite adotar certa sistematicidade em um gênero tão efêmero e fluido.

As teorias aqui apresentadas ampliam os estudos linguísticos e semióticos mais tradicionais. É válida também a utilização dos *memes* como suporte analítico, pois a linguística e a semiótica precisam avançar em terminologias e conceitos sobre este novo gênero que é cotidiano na vida de toda a sociedade ambientada nas redes sociais. O gênero

¹⁴ Considerando as abordagens analíticas empreendidas, remete-se a Chouliaraki e Fairclough quando argumentam (1999, p.50) que se vive “uma virada icônica, uma mudança na economia dos sistemas semióticos que tem levado a um questionamento da preponderância da linguagem sobre outros sistemas semióticos”. Essa citação retoma o que já foi apresentado ao mesmo tempo em que corrobora o que as análises evidenciaram.

inclusive, que pode ser utilizado na sala de aula, pois abarca um conteúdo do contexto atual e cotidiano dos sujeitos e produzido por eles; com clara semelhança às *charges* e as tirinhas.

A informação transmitida pelos *memes* se realiza por meio de um signo complexo reunindo várias modalidades semióticas, a imagem, a cor, o gesto, o movimento, entre outros. Todos estes elementos integrados são importantes para construção do significado do discurso, historicamente verbal, mas culturalmente visual. Uma discussão ainda seminal entre os linguísticas e pesquisadores da mídia e da semiótica. Conclui-se que a ênfase informacional foi ao aspecto negativo do ato, a morte da onça, em virtude a toda uma consciência política, econômica e também, socioambiental dos sujeitos.

Referências

- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 2003 [1997].
- BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros- Rio de Janeiro: Zahar. 2007.
- CARVALHO, F. F. *Temas contemporâneos em semiótica visual*. Brasília- CEPADIC, 2013.
- CASTRO, L. G. F; CARDOSO, T. G. Memes: os replicadores de informação. In: ENPOLE- Encontro de Pós-Graduação em Letras, 2015, São Cristovão. *Anais eletrônicos do ENPOLE/ Universidade Federal do Sergipe (UFS)*, 19 e 20 de janeiro, 2015.
- CHOULIARAKY. L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. London: Edinburgh University Press, 1999.
- DAWKINS, R. *The selfish gene*. 30. ed. Inglaterra: Oxford University Press. 2006. p. 1-20; 189-201.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB. 2001 [1992].
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP. 1991.
- GUERREIRO, A; SOARES, N. M. M. *Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos*. Texto digital (UFSC), v. 12, p. 185-208. 2016.
- KRESS, G. *Multimodality: a social approach to contemporary communication*. Londres: Routledge. 2010.
- _____; van LEEUWEN, T. *Reading Images- The Grammar of visual design*. Londres: Routledge, 2006 [1996].

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional Grammar*. 4. ed. 2014.

RAMALHO, V, RESENDE, V. M. R. *Análise de discurso crítica*. 2. ed. São Paul: Contexto, 2016 [2006].

SOARES, N. M. M (org.). *Análise em discurso- semiótica e multimodalidade*. Manaus: UEA Edições. 2017.

_____. *Gêneros textuais em foco- argumentação em textos opinativos*. Curitiba: Appris. 2016.

_____; VIEIRA, J. A. Representação multimodal dos atores sociais no discurso das marcas. *Revista Signum: Est. Linguísticos*; Londrina, n. 16/1, p. 233-258, jun. 2013.

VIEIRA, J. A; ROCHA, H et.al. *Reflexões sobre a língua portuguesa- uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.